



Olá, me chamo Melissa Felício Batista, tenho 19 anos, sou indígena do povo Palikur-Arukwayene e moro na Aldeia Kumenê. Eu estava na cidade quando tudo aconteceu, quando saiu a notícia de que surgiu essa doença. Toda minha família estava na cidade nesse tempo, pois era período de estudo, de aulas. Devido a esse problema de saúde pública que o mundo todo está enfrentando as escolas e instituições tiveram que parar as aulas, o que foi bom para minha família, assim pudemos voltar para nossa aldeia, apesar de saber que isso não ia evitar que pegássemos a Covid-19, cedo ou tarde o vírus iria chegar até nós, pelo fato de que nós, indígenas, também dependemos das mercadorias da cidade, de uma forma ou outra o vírus iria chegar.

No mês de maio as pessoas da Aldeia Kamuywa, aldeia vizinha, haviam estavam em uma crise de gripe, os pacientes apresentavam sintomas da Covid-19. Alguns dias depois um agente de Saúde Indígena daqui do Kumenê apresentou os mesmos sintomas, logo apareceram outras pessoas com os mesmos sintomas e isso foi se espalhando tão rapidamente que, em uma semana, a aldeia inteira estava com a doença, principalmente aqueles com mais idade.

E agora, o que fazer? Como ainda não tem vacina ou medicamentos para a Covid-19 buscamos nossa própria medicina para tratar nossos doentes, as pessoas que conheciam alguma erva, uma fruta ou uma planta que fosse boa para tratar dor de cabeça, febre e disenteria faziam e compartilhavam com os outros as receitas que ajudavam a amenizar os sintomas, receitas que apresentaram bons resultados na recuperação dos infectados pela Covid-19, graças a isso não tivemos muitas perdas dentro da comunidade.

Hoje muitos ainda estão em fase de recuperação e, graças aos remédios, isso está acontecendo de forma rápida. Dentro da minha família fui a primeira a contrair o vírus, sentindo apenas dor de cabeça, dores no corpo e febre, depois de mim foi minha cunhada e em poucos dias meu pai e meus dois irmãos apresentaram os mesmos sintomas. Nosso tratamento foi feito com alguns medicamentos farmacêuticos, como paracetamol, para ajudar a baixar a febre e o resto era só de plantas medicinais, assim, conseguimos nos curar do Coronavírus. Hoje, a única que ainda não foi infectada da minha família é minha mãe, de 42 anos. Mesmo sendo diabética e tendo cuidado de todos nós ela não contraiu o vírus e agradeço muito a Deus por isso. Corremos risco ainda, mas acredito que conseguiremos passar por tudo isso, temos que continuar a seguir as regras de proteção e evitar o máximo possível uma nova contaminação.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil
31 de julho de 2020.

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Bonjour, je m'appelle Melissa Felício Batista, j'ai 19 ans, je suis originaire du peuple Palikur-Arukwayene et j'habite au village Kumenê. J'étais en ville quand tout s'est passé, quand on a appris que cette maladie était survenue. Toute ma famille était en ville à ce moment-là, car c'était une période d'étude, de cours. En raison de ce problème de santé publique auquel le monde entier est confronté, les écoles et les institutions ont dû arrêter les cours, ce qui était bon pour ma famille, nous avons donc pu retourner dans notre village, tout en sachant que cela ne nous empêcherait pas de prendre Covid-19, tôt ou tard, le virus nous atteindrait, du fait que nous, indigènes, dépendons aussi des biens de la ville, d'une manière ou d'une autre le virus arriverait.

Au mois de mai, des habitants du village de Kamuywa, un village voisin, avaient été en crise grippale, les patients présentaient des symptômes de Covid-19. Quelques jours plus tard, un agent de santé indigène ici à Kumenê a montré les mêmes symptômes, ensuite d'autres personnes avec les mêmes symptômes sont apparues et ça se propageait si vite que, en une semaine, tout le village a eu la maladie, en particulier les plus âgés.

Et maintenant, que faire ? Comme il n'y a pas encore de vaccin ou de médicament contre Covid-19, nous avons recherché notre propre médicament pour traiter nos patients, des personnes qui connaissaient une herbe, un fruit ou une plante qui était bon pour traiter les maux de tête, la fièvre et la dysenterie ont fait et partagé avec les autres les recettes qui ont aidé à atténuer les symptômes, des recettes qui ont montré de bons résultats dans la guérison des personnes infectées par Covid-19, grâce à cela nous n'avons pas eu beaucoup de pertes au sein de la communauté.

Aujourd'hui, beaucoup sont encore en phase de récupération et, grâce aux médicaments, cela se produit rapidement. Au sein de ma famille, j'ai été la première à contracter le virus, ne ressentant que mal de tête, courbatures et fièvre, après moi c'était ma belle-sœur et en quelques jours mon père et mes deux frères ont eu les mêmes symptômes. Notre traitement a été fait avec certains médicaments pharmaceutiques, comme le paracétamol, pour aider à réduire la fièvre et le reste n'était que des plantes médicinales, nous avons donc pu guérir le coronavirus. Aujourd'hui, la seule personne qui n'a pas encore été infectée dans ma famille est ma mère, 42 ans. En dépit d'être diabétique et de prendre soin de nous tous, elle n'a pas contracté le virus et je remercie Dieu beaucoup pour cela. Nous sommes toujours en danger, mais je pense que nous pourrions traverser tout cela, nous devons continuer à suivre les règles de protection et éviter autant que possible de nouvelles contaminations.

Village Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brésil
31 juillet 2020.

Traduit par Darleine Esther Joseph

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Hello, my name is Melissa Felício Batista, I am 19 years old, I am indigenous of the Palikur-Arukwayene people and I live in Kumenê Village. I was in town when it all happened, when the news came out that this disease had arisen. My whole family was in the city at that time, because it was a period of study, of classes. Due to this public health problem that the whole world is facing schools and institutions had to stop school, which was good for my family, so we could return to our village, despite knowing that it would not prevent us from taking Covid-19, sooner or later the virus would come to us, because we, the indigenous, also depend on the goods of the city, in one way or another the virus would arrive.

In May, the people of Kamuywa Village, a neighboring village, were in a flu crisis, the patients had symptoms of Covid-19. A few days later an Indigenous Health agent from here in Kumenê presented the same symptoms, soon other people appeared with the same symptoms and this spread so quickly that within a week the whole village was with the disease, especially the older ones.

Now, what to do? Since there is still no vaccine or medicine for Covid-19 we sought our own medicine to treat our patients, people who knew some herb, a fruit or a plant that was good for treating headache, fever and dysentery did and shared with others the recipes that helped to alleviate the symptoms, recipes that showed good results in the recovery of those infected by Covid-19, thanks to this we did not have many losses within the community.

Today many are still in the recovery phase and, thanks to the medicines, this is happening quickly. Within my family I was the first to contract the virus, feeling only headache, body aches, and fever, after me it was my sister-in-law, and in a few days my father and my two brothers showed the same symptoms. Our treatment was done with some pharmaceutical drugs, such as paracetamol, to help lower the fever and the rest was only from medicinal plants, so we were able to cure ourselves from the Coronavirus. Today, the only one who has not yet been infected in my family is my mother, 42 years old. Even being diabetic and taking care of all of us she did not contract the virus and I thank God for that. We are still at risk, but I believe we will be able to go through all of this, we have to continue to follow the rules of protection and avoid as much as possible a new contamination.

Kumenê Village, Oiapoque, Amapá, Brazil
July 31, 2020.

Translated by Ruth Lydie JOSEPH

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

¡Hola! Me llamo Melissa Felício Batista, tengo 19 años, soy una indígena del pueblo Palikur-Arukwayene y vivo en la aldea Kumenê. Yo estaba en la ciudad cuando todo aconteció, cuando salió la noticia de que surgió esa enfermedad. Toda mi familia estaba en la ciudad en ese momento, pues era período de estudio. Debido a ese problema de salud pública que todo el mundo está enfrentando, los colegios e instituciones tuvieron que parar las clases, que fue bueno para mi familia, así podríamos volver a nuestra aldea, a pesar de saber que eso no iba a evitar a que nos contagiásemos. Tarde o temprano el virus llegaría hasta nosotros, por el hecho de que, nosotros dependemos de las mercancías de la ciudad, de una forma o otra el virus llegaría.

En el mes de mayo, las personas de la aldea Kamuywa, una aldea vecina, estaban en una crisis de gripe, los pasientes presentaban síntomas del Covid-19. Algunos días después un agente de la salud indígena de aquí en Kumenê, presentó los mismos síntomas, luego aparecieron otras personas con los mismos síntomas y eso se fue esparciendo tan rápidamente, que en una semana la aldea entera ya estaba con la enfermedad, principalmente aquellos con mayor edad.

¿Qué hacer ahora? Como todavía no hay vacuna o medicamentos para el Covid-19, buscamos nuestra propia medicina para tratar a nuestros enfermos, las personas que conocían alguna hierba, una fruta o una planta que fuese buena para tratar el dolor de cabeza, fiebre y disentería, la preparaban y compartían con otros las recetas que ayudaban a reducir los síntomas, recetas que presentaron buenos resultados en la recuperación de los contagiados por el Covid-19, gracias a eso no tuvimos muchas pérdidas dentro de la comunidad.

Hoy muchos todavía están en la fase de recuperación y gracias a nuestros remedios, eso está ocurriendo de forma rápida. En mi familia fui la primera en contagiarse del virus, sintiendo solo dolor de cabeza, dolores en el cuerpo y fiebre, después de mi fue mi cuñada, en pocos días mi padre y mis dos hermanos presentaron los mismos síntomas. Nuestro tratamiento fue hecho con algunos medicamentos farmacéuticos, como paracetamol, para ayudar a bajar la fiebre y el resto era de solo plantas medicinales, así conseguimos curarnos del Coronavirus. Hoy la única persona de mi familia que todavía no se contagió es mi madre de 42 años. Aún siendo diabética y habiendo cuidado de todos nosotros ella no contrajo el virus, agradezco mucho a Dios por eso. Todavía estamos en riesgo, pero creo que conseguiremos pasar por todo esto, tenemos que continuar respetando las reglas de protección y evitar lo máximo posible un nuevo contagio.

Aldeia Kumenê, Oiapoque, Amapá, Brasil
31 de julio de 2020.

Traduzido por Benjamin MBA ABUY NFUMU

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#)
[#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

